PQ
9261
E17S93

O MUNDO
DO LIVRO
11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa

THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF CALIFORNIA
LOS ANGELES

Digitized by the Internet Archive
in 2007 with funding from
Microsoft Corporation

http://www.archive.org/details/suavemilagremyst00arnoiala

CONDE D'ARNOSO

SUAVE MILAGRE

SUAVE MILAGRE

MYSTERIO EM 4 ACTOS E 6 QUADROS

Extrahido de um conto de
EÇA DE QUEIROZ
com versos de ALBERTO D'OLIVEIRA
e musica de OSCAR DA SILVA

LISBOA
LIVRARIA FERIN
70, RUA NOVA DO ALMADA, 74
—
1902

CONDE D'ARNOSO

SUAVE MILAGRE

MYSTERIO EM 4 ACTOS E 6 QUADROS

Extrahido de um conto de

EÇA DE QUEIROZ

com versos de ALBERTO D'OLIVEIRA

e musica de OSCAR DA SILVA

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

70, RUA NOVA DO ALMADA, 74

—

1902

SUAVE MILAGRE

LUIZ PASTOR
DE MACEDO

SUAVE MILAGRE

1902

CONDE D'ARNOSO

SUAVE MILAGRE

MYSTERIO EM 4 ACTOS E 6 QUADROS

Extrahido de um conto de

EÇA DE QUEIROZ

com versos de ALBERTO D'OLIVEIRA

e musica de OSCAR DA SILVA

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

70, RUA DOS ANJOS, 74

SUAVE MILAGRE
CONDE D'ARNOSO
EÇA DE QUEIROZ
1902
ALBERTO D'OLIVEIRA
MANINI
OSCAR DA SILVA

CONDE D'ARNOSO

SUAVE MILAGRE

MYSTERIO EM 4 ACTOS E 6 QUADROS
Extrahido de um conto de
EÇA DE QUEIROZ
com versos de ALBERTO D'OLIVEIRA
e musica de OSCAR DA SILVA

LISBOA
LIVRARIA FERIN
70, RUA NOVA DO ALMADA, 74
—
1902

Tiraram-se d'este livro: alem de 1000 exemplares em papel d'algodão,

10 em papel *couché*

Numerados e rubricados pelo autor.

PQ
9261
E17S93

AOS FILHOS

DE

EÇA DE QUEIROZ

Approvado pelo Theatro de D. Maria em 9 de Dezembro de 1901

E

Representado pela primeira vez no mesmo Theatro
Em 28 de Dezembro de 1901

PERSONAGENS

JESUS	Carlos Santos
UM ADIVINHO	Gama
UM VIANDANTE	Fernando Maia
OBED	Augusto Mello
1.º PASTOR	Ferreira da Silva
2.º »	Carlos d'Oliveira
1.º SERVO	M. Nobre
2.º »	Sampaio
3.º »	T. Santos
PUBLIO SEPTIMO	Posser
CAMARADA	Fernando Maia
1.º DECURIAO	Joaquim Costa
2.º »	Pinto de Campos
3.º »	Carlos d'Oliveira
1.º SOLDADO	Carvalho
2.º »	Francisco Mendonça
3.º »	Manuel Nobre
SACERDOTE	Cardoso Galvão
UM MENINO	Ilda Victoria
UM SERVO DE PUBLIO SEPTIMO	Leopoldo
1.º »	Pinto de Campos
2.º »	Sampaio
3.º »	Carvalho
UM MENDIGO	Ferreira da Silva
PROLOGO, mulher do povo	Georgina Pinto
FILHA DE PUBLIO	Luz Velloso
MÃE	Virginia
1.ª MULHER	Cecilia Machado
2.ª »	Adelina Santos
3.ª »	Augusta Cordeiro
UMA ESCRAVA	Judith Corrêa

Pastores, mulheres do povo, servos, soldados, escravos, escravas. — A acção decorre na antiga Palestina

PROLOGO

PROLOGO

Deante de um panno talão allusivo ao Mysterio

UMA MULHER

Vimos contar-vos uma doce historia,
Um milagre suave e enternecedor,
Em que, mais uma vez, Jesus deu a victoria
Ao pobre sobre o rico, e ao que é rico de amor
Sobre o que é rico apenas de vaidade,
De poder e de orgulho humano...
A' creança no lucto e na orphandade
Sobre o soberbo Centurião romano!

Assim Jesus sempre ensina
Nos seus milagres e sermões:
A unica riqueza que é divina
É a que se junta em nossos corações...
A que da alma faz escondido thesoiro,
A que não teme a sêde nem a fome...
Só essa é que é de verdadeiro oiro
Que a ferrugem do tempo não consome!

Assim o prégou elle na Montanha,
Assim o disse ás aguas do seu Lago:
Aos pobres Deus sempre acompanha,
Com a sua miseria a Deus têm pago...
A moeda que, com certeza,
Para Deus tem maior valor,
É a moeda da pobreza,
Do soffrimento e da dor!

Num prato da balança
Ponham gloria, riqueza amontoada,
Ponham no outro o olhar de uma creança,
A prece de uma mãe angustiada...
E vereis — oh divino
Milagre simples e claro! —
Deus acudir ao menino
E deixar a riqueza e orgulho sem amparo!

Assim préga Jesus,
Assim suas parabolas semeia,
Semeador de verdade e luz,
Por montes e jardins da Galileia...
E o resplendor de tal doutrina,
O fulgor de tal pensamento,
Para sempre doira e illumina,
Sol sempre acceso, o nosso firmamento!

Sua luz immortal, invencivel, eterna,
A toda a escuridão leva consolo e ar;
Não ha profundo abysmo ou sombria caverna
Onde ella não consiga penetrar...
Nuvens se accumulam de tenaz nevoeiro,
Nuvens se desfazem successivamente,
Mas o olhar de Jesus, por sobre o mundo inteiro,
Não cessa de brilhar, como um sol sem poente!

Sua mão, que aplacou a tormenta das aguas
No Lago, certo dia,
A toda a hora aplaca as nossas maguas,
Nossos prantos e luctos allivia...
E, como quando fez o milagre dos pães,
Que de dois fez milhares,
Acode a todas as afflictas mães,
Soccorre todos os famintos lares!

Sempre a palavra de Jesus consola...
Seu clarão as edades atravessa,
E mais animador do que uma esmola,
Mais bemfazejo do que uma promessa,
É elle que sustenta o pobre,
Que enxuga as lagrimas do triste,
Elle que agasalha e que cobre
A nudez de tudo o que existe!

Que seria da Vida, se não fosse
Essa palavra de perdão e recompensa
Que consegue sarar, como um balsamo doce,
A f'rida mais profunda, a magua mais intensa...
Essa voz que promette aos desgraçados,
Ao perseguido, ao miseravel, ao afflicto,
O logar dos fieis, dos bemaventurados,
Junto ao throno de Deus, no seu seio infinito!

Na mais dura agonia,
Na hora mais aziaga do destino,
Ninguem se julgue só, se lhe faz companhia
O olhar de Jesus, enfermeiro divino...
Não ha amargura nem martyrio horrendo
Que não acalmem e não vençam
Dos seus olhos as lagrimas, correndo,
Das suas mãos, cahindo, a benção!

Mas já que tanta vez nossa vista se aparta
D'essa luz que do ceu nos guia;
Já que na agitação vivemos, como Martha
Esquecendo a lição de sua irmã Maria,
Seja nossa suave penitencia,
Nestes dias de festa e enlevo santo,
Perguntar á nossa existencia
Para onde vae correndo tanto...

Que illusão nova, que fallaz chimera
Apressa e precipita o nosso andar;
Que nova gloria nos espera
Que Jesus se esqueceu de nos annunciar...
Que nova adoração, que nova fé
Nos escurece a luz, de brilho extraordinario,
Que alumiou em Nazareth,
Que resplandeceu no Calvario!

Oh! a Verdade só, por mais doirada,
Nunca nos basta, nunca nos contenta;
Cada um de nós tentou erguer aos ceus a escada
Que, em sonhos, a Jacob se representa;
E todos, todos cremos na Illusão,
Até ao triste dia em que ella nos engana...
Assim é nosso vario coração,
Assim é a vaidade humana!

Deus nos deu forças de Anjo e fraquezas mortaes;
Horas ambiciosas em que nos parece
Que com nosso esforço alcançaremos mais
Que com nossa humildade ou nossa prece;
Mas quando sôa a hora da desgraça,
Quando os labios com sêde a febre nos crestou,
Então não ha agua que nos satisfaça
Como a dos prantos que Jesus chorou!

E para os pobres nunca a vida, como agora,
Foi tão dura, senhores;
Nunca a humanidade que padece e chora
Soffreu mais agonias e mais dores;
E por isso, mulheres e creanças,
Nós que Jesus chamou para o seu lado,
É tempo de acudir, com doces esperanças,
Ao afflicto, ao abandonado!

A missão que Jesus nos confiou foi esta:
Espalhar o perdão que brotou do seu seio,
Nestes dias da sua festa
Em que mais doe o soffrimento alheio...
Quando de todos os felizes lares
Se levantam a Deus incensos e louvores,
Quando os mais humildes altares
Se enfeitam de lumes e flores!

E ensinar á desgraça o nome de Jesus,
Os seus milagres cheios de belleza,
Alumiar a dor com essa luz
Eternamente accesa...
Com esse eterno sol, que abriga e cobre
A miseria e nudez de quanto existe,
Pois que nunca, como hoje, a pobreza foi pobre,
E a tristeza foi triste!

Sobe o panno talão e a mulher retira-se sahindo pelo fundo

1.° ACTO

1.º QUADRO

A scena representa um valle plantado de oliveiras. No 1.º plano, á D. a Fonte dos Vergeis com o seu aqueducto que se desenrola pelos bastidores. Ao F. e subindo vê-se a rica cidade de Enganim circumdada de muralhas fortes, entre olivaes e vinhedos.

SCENA 1.ª

1.º pastor — 2.º pastor — 1.ª mulher — 2.ª mulher, depois mais outras. Ranchos de mulheres, á D., apanham azeitona que homens varejam.

CÔRO

Triste das mulheres na apanha da azeitona

Somos pobresinhas
Só ricas de dores,
Mirraram as vinhas,
Murcharam as flores!

Seccam as nascentes,
Não correm os rios,
Invernos são quentes,
De gelo os estios...

Lua já não brilhas
Lá nos ceus distantes,
Já não somos filhas
De Deus, como de antes!

Por nossos peccados
Oh! Senhor bemdito!
Somos castigados,
Assim estava escripto!

Nossa fé intensa
Com isso não mude...
Depois da doença
Virá a saude!

Que a fé viva dome
Nossa vida impura...
E depois da fome
Virá a fartura!

1.º PASTOR

Tão fresco o valle, tão fresca a sombra á beira d'esta fonte; mas o nosso gado está distante, só guardado pelos cães, e é forçoso partir.

2.º PASTOR

A esta hora do sol os rebanhos nem pastam; podemos estar socegados e beber ainda mais d'esta agua tão fria que bebeu Josué.

1.º PASTOR

A mim entristece-me o valle. N'outro tempo, na colheita da azeitona, todos esses ranchos cantavam alegremente, enchendo de claridades os montes. Agora os seus cantares são tristes, o trabalho parece mais pezado e mais duro. As cotovias, dir-se-hia que não cantam, as rôlas que não arrulham, os melros que não assobiam, e até as folhas das oliveiras são menos prateadas, e as azeitonas mais negras que as negras noites escuras. *Entram duas mulheres que se dirigem á fonte com as suas bilhas*

2.º PASTOR

E' que um vento de desolação e morte parece que sopra sobre a terra. Vêde os nossos gados, os gados d'Obed, vão morrendo pouco a pouco e até o arado é mais duro de

enterrar e a pedra dos lagares menos leve de mover.

1.º PASTOR

E as suas vinhas como vão seccando! Assim, o azeite d'esta triste colheita não allumiará, como outr'ora, scenas d'alegria.

2.º PASTOR

Quem sabe as penas que allumiará nos nossos corações, se até o rico Obed empobrece...

1.º PASTOR

E o peor é que esse lençol de desgraças, estende-se por toda a parte. Vêde os nossos visinhos, os visinhos dos nossos visinhos...

2.º PASTOR

Dir-se-hia que toda a terra se vae tornar n'um grande deserto.

1.ª MULHER

Não desespereis. Uma luz de redempção desponta já, que vae trazer allivio a todo o soffrimento humano.

1.º PASTOR

Fallaes como um propheta e as prophecias na bocca das mulheres...

2.º PASTOR

São mentirosas como os protestos de amor.

2.ª MULHER

Que os homens fazem.

1.º PASTOR

Os homens, os homens... Como se todo o mal de nós viesse.

1.ª MULHER

Vem então das mulheres?... Tudo nos podeis negar, menos a fortaleza d'alma. Assim, agora que uma desgraça, como a todos, vos opprime, é grande o vosso desanimo e desfallecimento.

2.ª MULHER

E nós temos fé.

2.º PASTOR

Fé?!..

1.ª MULHER

Sim, fé. Nas palavras da Samaritana.

1.º PASTOR

Ainda palavras de mulher.

2.º PASTOR

E essa Samaritana?

2.ª MULHER

Contou que na fonte de Jacob, á beira do poço, um homem lhe pedira de beber. E como reconhecesse um judeu, a Samaritana admirou-se que alguma coisa lhe pedisse, mesmo agua. Docemente, respondeu: Se conhecesses a graça de Deus e soubesses quem é aquelle que te pede de beber, talvez fosses tu que lhe pedisses uma agua muito viva que te daria e que sacia para sempre a sêde. E como a Samaritana sorrisse incredula e apontasse o poço fundo, sem concha com que pudesse tirar agua, elle, então, referiu-lhe todos os segredos da sua vida, ainda os que mais occultos tinha no coração.

1.º PASTOR

E acreditaes em tal?

1.ª MULHER

Pudera, se outro tanto fez a muitas Samaritanas.

2.º PASTOR

Adivinhos, impostores, que com faceis enganos entretém a imaginação das mulheres.

2.ª MULHER

Não esse, que nunca vimos, mas que por um poder sobrenatural faz com que acreditemos nas suas palavras.

1.º PASTOR

Palavras que não ouviste. *Outras mulheres aproximam-se da fonte. E um velho adivinho.*

1.ª MULHER

Não somos só nós. Perguntae a qualquer d'essas que ahi veem buscar agua á fonte e vereis que todas, como nós, acreditam n'esse Propheta.

2.º PASTOR

Vamos ter então uma religião nova.

1.º PASTOR

O que vale é que é só para mulheres.

2.ª MULHER

E para os nossos filhos.

1.ª MULHER

Que um dia hão-de ser homens.

2.º PASTOR

Quereis dizer?

1.ª MULHER

Que essa religião será de todo o mundo!

1.º PASTOR

Rindo

Trocae esses trajes pela tunica dos homens e ide a prégar a vossa fé.

2.º PASTOR

Correr-vos-hão á pedrada.

1.º PASTOR

E tratadas como loucas, tereis o justo castigo das vossas impiedades.

2.º PASTOR

O mundo é velho e só os homens da Lei tem razão. Os males vem, os males passam, e não ha Prophetas novos que saibam dizer coisas differentes do que nos ensinaram nossos Paes.

1.ª MULHER

Esses ensinaram-nos que um dia chegará o Messias, que nos livrará de todo o mal.

2.ª MULHER

E porque não será o Messias aquelle que pediu de beber á Samaritana?

1.º PASTOR

Loucas sois. O Messias é uma esperança, uma promessa, um symbolo, que durará em quanto o mundo fôr mundo, sem jamais se tornar uma realidade, sem jamais apparecer a olhos humanos.

1.ª MULHER

A fé é mais que a luz, allumia mesmo com os olhos cerrados.

2.ª MULHER

E não deixa vêr os que os têm abertos e a não possuem.

1.º PASTOR

Que dizes tu, velho adivinho, tu, que com as tuas cantilenas nada mais sabes fazer que exaltar as cabeças das mulheres?

O VELHO ADIVINHO

Approximando-se

Quando os ricos não têm, os pobres que terão?
Se os fortes não têm força, os fracos onde a têm?
Nossa lucta é baldada e nosso esforço é vão...
Quem nos pode valer? Ninguem, irmãos, ninguem.

Eu nunca me enganei; eu leio nas estrellas;
Entendo a voz do vento e os lamentos do mar;
Vêdes luzes no ceu? Olhae bem para ellas,
Que nunca mais talvez as heis de ver brilhar...

Vós, rapazes, não sois mais novos do que eu...
Vamos todos morrer... tudo está moribundo...
Os homens sobre a terra e as estrellas no ceu,
Todos vão acabar, vae acabar-se o mundo!

TODOS *em córo, e aterrados*

Vae acabar-se o mundo...Vae acabar-se o mundo!...

SCENA 2.ª

Os mesmos e um viandante

VIANDANTE

Que ouve já em scena os ultimos versos do adivinho

Não! não acaba o mundo, como pensas,
Não! O mundo começa, o mundo começou...
Vinde a mim! vinde ouvir as noticias immensas
De uma nova alvorada que raiou!

Não acaba o mundo, como tu dizias...
Como ha-de elle acabar,
Agora que nasceu um divino Messias
Que vem salvar o mundo e que vos vem salvar?

Pelas terras da verde Galileia
Com meus olhos o vi...
E vi despovoar-se cada aldeia
Para seguir o pallido Rabbi!

Vinham a elle os pobres, os doentes,
Mães e filhas, netas e avós...
Se vinham tristes, voltavam contentes,
Só por ouvir-lhe a voz!

Os que vinham doentes ou culpados,
Os que pediam cura ou salvação,
Todos voltaram curados,
Todos tiveram perdão!

Por onde elle passou, passou a vida;
Onde elle não entrou sumiu-se a luz...
Até a Galileia é mais florida
Desde que nella appareceu Jesus!

Vi-o nas barcas, entre os pescadores,
Praticando milagres deslumbrantes...
Querendo elle, não ha morte, nem ha dores,
Nem lucto, nem miseria, como de antes!

Quando elle falava, parecia
Que o proprio Deus falava em seu logar...
Seus olhos brilham mais que a luz do dia,
Têm mais fundo que o mar!

Ninguem mais desespere ou entristeça,
Oh pobres, oh humildes, oh pequenos!
O mundo não acaba, mas começa,
Começa agora... para vós, ao menos!

1.ª MULHER

Que canto tão cheio de esperança!

2.ª MULHER

De quem falaveis?

1.ª MULHER

Quem assim cobrieis de louvores?

2.ª MULHER

As vossas palavras cahiam como um balsamo nas feridas dos nossos corações.

1.ª MULHER

Dizei, dizei outra vez. *Os ranchos vão-se aproximando*

VIANDANTE

Para os que estão ainda distantes

Aproximae-vos, abeirae-vos de mim. *Pausa* A vida é triste, mas uma nova aurora vem raiando que afastará todas as desgraças. Um novo propheta, um Rabbi formoso, percorre já os campos e as aldeias da Galiléa, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos.

AS MULHERES

Para os homens

Ouvide, ouvide!

VIANDANTE

Esse Rabbi formoso, na estrada de Magdala, sarou da lepra o servo d'um decurião romano, só com o estender sobre elle a sombra das suas mãos. E n'outra manhã, atravessando n'uma barca para a terra dos Gerasenios, onde começava a colheita do balsamo, ressuscitou a filha de Jaïro, o homem consideravel e douto que commenta os Livros na Synagoga. Ao chegar á cidade de Naïm deparou-se-lhe um enterro. Era o filho unico d'uma pobre viuva que a chorar seguia o esquife, banhada em afflictivo pranto. O Rabbi, ao vêl-a, acercou-se d'ella e disse-lhe:—«Não cho-

res» — e abeirando-se do esquife mandou levantar o morto, que a soluçar se abraçou á mãe.

1.ª MULHER

Mas esse é?

VIANDANTE

Um homem que embarcando para um logar deserto, ali se viu seguido por grande multidão e de cinco pães e dois peixes, que era tudo quanto havia, distribuiu pão e peixes a mais de cinco mil pessoas. E como o quizessem acclamar Rei, aproveitando as sombras da noite, retirou-se para Capharnaum. E, em Bethania, com uma palavra, uma só: «Levanta-te!» — ressuscitou a Lazaro, o irmão de Martha.

2.ª MULHER

Mas dize, dize, esse é em verdade...

1.ª MULHER

O Messias da Judéa?

2.ª MULHER

Diante de quem refulge a espada de fogo?

1.ª MULHER

E que vae caminhando, ladeando-o como as

sombras de duas torres as sombras de Gog e de Magog?

VIANDANTE

Toma uma bilha do hombro d'uma mulher, vae a leval-a á bocca, mas quando já está perto entrega-lh'a sem beber. Toma o cajado e sacudindo a cabeça mette pensativamente por sob o aqueducto, sumindo-se na espessura das amendoeiras em flor.

1.ª MULHER

Não respondeu, mas o meu coração diz-me que é o Messias da Judéa.

2.ª MULHER

Sim, é o Messias; a vida vae ser mais doce, ha uma esperança na terra.

1.º PASTOR

Se assim fosse! Os gados talvez sarassem, as vinhas talvez reverdecessem.

2.º PASTOR

O arado seria mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar.

1.ª MULHER

A colheita será farta. O azeite mais doce de beber. *Os pastores vão sahindo e as mulheres e os homens voltam á sua faina, outros enchem as suas bilhas na fonte*

TODOS

Chegou o Messias! Chegou o Messias!

UM DOS HOMENS

A fé ora nos invade,
Ora de nós se retira:
Ninguem sabe o que é verdade,
Ninguem sabe o que é mentira...

OUTRO HOMEM

Quem se acostuma a soffrer
Já não entende outra vida:
De tanto crer e descrer
Temos a crença perdida!

OUTRO HOMEM

Mas lá vem nas prophecias,
Lá rezam os livros santos,
Que assim que venha o Messias
Acabam fomes e prantos...

OUTRO HOMEM

Todas as aguas são claras...
Floridos todos os valles...

OUTRO HOMEM

Cura-se o mal das searas...

OUTRO HOMEM

Curam-se todos os males!

OUTRO HOMEM

A terra só Deus a lavra,
Só Deus o campo semeia...

AS MULHERES

Vós estaes dizendo, palavra a palavra,
O que Jesus disse pela Galileia!

OS HOMENS

Pois se assim o disse sua voz bemdita,
Vamos ter com elle, que nol-o repita!

AS MULHERES

Em côro

Levemos perfumes para o seu cabello,
Vamos para ouvil-o, vamos para vel-o!

Como flores não temos, não levamos flores:
Só levamos males, só levamos dores!

Vamos a caminho, vamos de longada,
Só em nós o vendo será madrugada!

Vem nas prophecias, vem nos livros santos,
Acabaram fomes, acabaram prantos!

Vem nos livros santos, vem nas prophecias,
Chegou o Messias, chegou o Messias!

FIM DO 1.º QUADRO

2.° ACTO

2.° QUADRO

A scena representa um trecho da cidade de Enganim.— Á D. 1.° plano, a casa d'Obed.

SCENA 1.ª

Duas mulheres, á E. F. estendem roupas e tapetes — Obed, sentado á soleira da porta — 1.° Pastor.

OBED

Dize-me, e os gados?

1.° PASTOR

Mortas as rezes mais gordas da manada. D'essas mesmo só restam poucas e pastam tristemente, desviando as cabeças pendidas das hervas mais tenras.

OBED

E as vinhas?

1.º PASTOR

Mirradas.

OBED

De que me serve sacrificar nas aras do Monte Ebal se os meus celleiros se esvasiam e se não enchem, se os meus rebanhos morrem e as minhas vinhas seccam?

1.ª MULHER

Para a outra

Como se lamenta!

OBED

E' esse maldito vento que sopra das terras d'Assur, vento arido e abrasado que mata as minhas rezes e pelas encostas onde as vinhas se enroscavam ao olmo e se estiravam nas latadas airosas, só deixa em torno dos olmos e dos pilares despidos, sarmentos, troncos lenhosos e a parra roida da crespa ferrugem.

2.ª MULHER

Para a outra

Obed, tão rico, chega a fazer pena.

OBED

Agacha-se, palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a cabeça exclama

Triste velhice a minha, Deus cruel, que assim castigas quem com tanto orgulho sempre te tem servido. *Ranchos vão passando entoando trovas do Rabbi.*

CÔRO

Vamos ao trabalho, que vae alto o dia,
Cobre-se de flores toda a Samaria!

A enxada não peza como antes pezava:
Porque o Senhor de antes não nos ajudava!

Já pelas estradas vão as romarias,
Com ramos de flores, p'ra ver o Messias!

OBED

Levanta a cabeça e como que acordando

Que vozes são essas?

1.º PASTOR

Ranchos que vão para o trabalho.

OBED

Que cantares são os seus?

1.ª MULHER

Aproximando-se com a companheira

Escuta, Senhor, cantam os milagres do novo Rabbi da Galiléa. *Os coros continuam até que se perdem ao longe.*

OBED

Milagres, não ha milagres. Esse Jesus, esse Rabbi que alimenta as multidões, que amedronta os demonios e emenda todas as desventuras, não passa de um feiticeiro, como os que vi na Phenicia, e tão costumados são na Palestina, como Appolonius ou Rabbi Ben-Dossa, ou Simão o Subtil.

2.ª MULHER

Culto sois Senhor, mas Jesus parece não ser d'este mundo, tão grande é a sua fama...

1.ª MULHER

Tão grandes são os seus milagres...

OBED

Milagres? Feiticeiros sim, que mesmo nas noites tenebrosas conversam com as estrellas, para elles sempre claras e sempre faceis nos seus segredos. Com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egypto; e agar-

rando entre as pontas dos dedos as sombras das arvores, conduzem-n'as como toldos beneficos, para cima das eiras, á hora da sésta. Assim os vi na Phenicia.

2.ª MULHER

E os moscardos voltam e devoram as searas.

1.ª MULHER

E o sol zomba d'essa sombra. E Jesus... o Nazareno...

OBED

O que pode vir bom de Nazareth, de cidade tão pobre perdida na montanha?

2.ª MULHER

A esperança dos bons e a consolação dos tristes, aquelle que caminha espalhando milagres e bençãos.

OBED

Não ha milagres...

1.ª MULHER

Vós o dizeis, mas nas bodas de Cana, quando ao terminar do festim já não havia vinho e as

seis talhas de pedra já não continham agua, feitas as abluções e as lavagens, Jesus ordenou que de novo se enchessem, e cheias á vista de todos com agua crystalina da fonte, d'ellas trasbordou vinho mais puro do que até então se tinha servido.

2.ª MULHER

E na piscina de Jerusalem, ao pobre homem, que, tão doente, mal podia arrastar-se para se lançar á agua, no momento em que ella borbulhava, porque sempre outros menos tropegos o faziam primeiro, Jesus compadecido disse: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda.»— E n'esse instante, doente ha tanto tempo, levantou-se e andou, sem mesmo se banhar. E agora por toda a nossa boa terra, Jesus continua espalhando bençãos, fazendo milagres.

OBED

Feiticeiros... Jesus de Galiléa, mais novo que os que vi na Phenicia, terá talvez magias mais viçosas.

1.º PASTOR

Se cura homens porque não curará os vossos gados? Se muda a agua em vinho porque não fará reverdecer as vossas vinhas?

OBED

Porque se não fazem impossiveis.

1.º PASTOR

E' preciso não acreditar só no que vemos. E eu por mim tenho que alguma coisa ha-de haver de verdade no muito do que por toda a parte se ouve.

1.ª MULHER

Fallaes com acerto e tudo que referimos foi visto por muitas testemunhas.

2.ª MULHER

Não se inventam milagres. E são os que veem d'essas terras que assim o certificam.

1.º PASTOR

O Messias ha de nascer. O Messias ha de vir a esta boa terra; e porque não será na nossa vida?

1.ª MULHER

Tanto temos soffrido que bem o merecemos!

OBED

Pois bem! Ide, chamae os meus servos, que

venham aqui. *Pastor sae. Para as mulheres.* Mandarei procurar esse Rabbi.

SCENA 2.ª

1.ª MULHER

Se nós o vissemos...

2.ª MULHER

Como seriamos ditosas!

OBED

O feiticeiro não saberá resistir á minha riqueza, e a sua magia recompensará largamente a minha generosidade. Os meus celleiros encher-se hão de novo e o vinho jorrará como a agua na fonte dos Vergeis. E a minha velhice prolongar-se-ha amimada pela abastança.

1.ª MULHER

Só pensa nas suas riquezas.

2.ª MULHER

Não cura da sua alma. Se nós vissemos o Rabbi?...

SCENA 3.ª

Os mesmos e os servos que vem entrando, tendo á sua frente o 1.º Pastor.

1.º PASTOR

Entrando

Senhor, aqui nos tendes. Que ordenaes?

OBED

Apertae os cinturões de couro e preparae-vos para partir. Tomae a estrada das Caravanas, e, costeando o lago, ide, se fôr preciso, até Damasco. Que as neves finas do monte Hermon vos não detenham. Segui por toda a parte o rastro luminoso d'esse novo Rabbi de Galileia, e quando o encontrardes, trazei-m'o! que o encherei de dinheiro, para que faça cessar a mortandade dos meus gados, reverdecer as minhas vinhas.

1.º SERVO

Faremos tudo para o encontrar. As mulheres serão os nossos guias porque cada dia lhe cantam novos louvores. Mas, Senhor, se recusar acompanhar-nos?

OBED

Recusar? Dizei-lhe que sou poderoso, que sou rico, que a minha paga será sem conta.

2.º SERVO

E se ainda assim não quizer vir? Tão desprendido de tudo o pintam!

OBED

Trazei-m'o preso, acorrentado se fôr preciso.

3.º SERVO

E se o não encontrarmos?

OBED

Para a sua fama chegar até nós e cada vez subir mais e mais como do Jordão as aguas n'uma cheia tenebrosa, é porque não está longe e haveis de encontral-o. Ide.

1.º PASTOR

Consenti, Senhor, que os acompanhe tambem. Tenho fé que serei o primeiro a vel-o.

OBED

E os meus gados? Fazeis-me falta.

1.º PASTOR

Tão poucos são já que um pastor basta para os guardar. E sabe Deus se esses poucos encontrarei quando voltar!

OBED

Vae, ave agoirenta. Vae tambem, e treme pela tua cabeça se m'o não trouxeres. *Os servos curvam-se; Obed aponta-lhes o caminho; vão sahindo; as mulheres levantam os tapetes; quando de todo desapparecem, Obed volta a sentar-se na soleira da porta e exclama)* Não, não póde morrer pobre quem sempre viveu tão rico como eu! *(Com a ponta do manto cobre de novo a face; ao longe começa a ouvir-se o córo do rancho que volta para a cidade entoando hossanas a Jesus)*

CÔRO

Enchem-se os caminhos, corre todo o povo,
Todos vão á busca do Propheta novo!

Oh Jesus bemdito, queremos adorar-te!
Tua voz bemdita chega a toda a parte!

Com os teus milagres pasma o mundo inteiro,
Dos prophetas todos tu és o primeiro!

Nossas almas cheias de esperança e fé
Para ti se voltam, Deus de Nazareth!

Para nos dar vida, para nos salvar,
Só a tua sombra, só o teu olhar!

Curas as doenças, curas as desgraças,
Rebentam as flores por onde tu passas!

Coração sombrio, cheio de peccado,
Logo fica branco de te ter tocado!

OBED

Pouco a pouco vae descobrindo o manto: quando as vozes se calam

O Rabbi deve estar perto; os meus servos vão trazer-m'o!

FIM DO 2.º QUADRO

3.° QUADRO

A mesma scena que a anterior.

SCENA 1.ª

Duas mulheres.

1.ª MULHER

Porque andas tão triste, tu a alegria da cidade de Enganim?

2.ª MULHER

Como queres que viva contente, se me roubaram Nathanael, o escolhido do meu coração?

1.ª MULHER

Só agora descubro que tens coração. Tu, que tão facilmente com todos te repartias...

2.ª MULHER

Sim, é verdade; mas Nathanael fez-me comprehender o que até então eu não tinha jamais comprehendido. E roubaram-m'o!

1.ª MULHER

Quem? Outra como tu facil nos seus amores?

2.ª MULHER

Não. O Messias.

1.ª MULHER

Brincas com cousas serias?

2.ª MULHER

Brincar?..Escuta. Era na colheita dos figos, perto do caminho que ladeia o lago entre Magdala e Bethesaida; os tapetes, sob os nossos corpos, estendiam-se debaixo das ensombradas figueiras carregadas de fructos. Eramos um rancho alegre. O calor outoniço cahia ainda pesado do ar; amphoras cheias de frescas bebidas pousavam ao nosso lado: as aves, nos ramos, cantavam alegremente. Nathanael com a cabeça encostada ao forte tronco da figueira a que nos abrigavamos, deixava-se prender pelos meus feitiços, pelos meus encantos,

esquecendo já os que junto a nós, na alegre festa da colheita, descançavam tambem. A sua mão apertava ternamente a minha, e eu murmurava palavras d'amor que elle ouvia deleitado. De repente, no mais ardente dos protestos que já trocavamos, a sua mão desprendeu-se da minha e a sua cara transformou-se, n'uma tal fixidez de expressão que me aterrava. Segui o seu olhar e apenas descortinei na prega do valle distante, homens que lentamente passavam seguindo um outro, todo vestido de branco, que caminhava na frente. Desappareceram. Em volta de nós, no bando alegre, havia ainda mais risadas, só Nathanael, alheado, mudo, conservava no olhar illuminado uma expressão extranha. Como de novo o quizesse attrahir a mim, repelliu-me. Levantou-se e deixou-nos.

1.ª MULHER

Assim como um viandante que se desvia d'um mau caminho.

2.ª MULHER

Dias depois, uma das minhas companheiras affirmou-me que fôra realmente o Rabbi que com os seus discipulos passara junto a nós, e que Nathanael o seguira e pelo Rabbi fôra abençoado. Nunca ninguem mais o viu. Por isso choro e o meu coração se despedaça.

1.ª MULHER

Soffres do abandono que a muitos outros fizeste soffrer. Tudo se paga n'este mundo, diz o Rabbi. Repara. Ahi vem Obed; esse soffre tambem dos muitos males que tem praticado.

SCENA 2.ª

As mesmas e Obed.

OBED

Ouviste novas dos meus servos?

1.ª MULHER

Não, senhor.

OBED

Nem tu, que tantas vezes e por tanto tempo abandonas a cidade?

2.ª MULHER

Não, senhor.

OBED

Com um gesto para que o deixem, senta-se à porta da sua casa

Passaram dias, passaram semanas, passam mezes e os meus servos sem voltar. E a terra ca-

da vez mais ressequida sorve-me a seiva das vinhas. E os meus rebanhos?

2.º PASTOR

Vem entrando triste e abatido e ouve a sua pergunta

Já não tendes rebanhos, senhor Morreu a ultima rez.

OBED

Maldição, maldição!

2.º PASTOR

Não vos ireis, senhor! Agora chegará a nossa vez, que a morte anda no ar, e quer vidas, muitas vidas, para tragar.

OBED

Calae-vos. Tenho ainda fé no feiticeiro.

2.º PASTOR

Os feiticeiros desappareceram da terra. Esse cuja fama vae crescendo só está, onde ninguem está. Falla nas montanhas com Elias e Moisés, mas ninguem o descobre. Ha quanto tempo andam por lá os vossos servos, os meus companheiros, e sem voltar. E voltarão?

OBED

Hão de voltar.

2.º PASTOR

Debalde em cada dia, ou de manhã mal o sol desponta, ou á tarde quando se esconde, passo horas e horas no cimo da collina olhando a comprida fita da estrada sempre deserta. Voltarão?

OBED

Porque não hão de voltar? Repara, não vês alem uma nuvem de poeira que se levanta?

2.º PASTOR

Onde, senhor? Nada descortino.

OBED

Alem, pela estrada das Caravanas. Não vês a nuvem de pó avançando, avançando sempre? Sim, devem ser os meus servos, devem trazer o feiticeiro.

2.º PASTOR

São, são elles. Já descubro o meu companheiro, o que vem na frente. Coitados, como andam depressa! Têm sêde de chegar. Ausentes ha tanto tempo... Que alegria em todos os lares!

OBED

Emfim! *Deixa-se cahir na soleira da porta,—os servos veem entrando cobertos de poeira, rotos, andrajosos.*

2.º PASTOR

Para o 1.º mostrando-lhe Obed

Como envelheceu!

OBED

Depois de os considerar um instante

E o Rabbi?

1.º PASTOR

Não o encontrámos.

OBED

Não o encontraram?

1.º PASTOR

Por toda a parte se nos deparou o seu sulco luminoso, mas nunca conseguimos vêl-o.

OBED

N'um grande desfallecimento

Mas por onde andaram e o que ouviram d'elle?

1.º PASTOR

A terra é já pequena para a sua fama; grande

para as nossas caminhadas. Por toda a parte ouvimos fallar d'elle.

SERVOS

Sim, por toda a parte. *Mulheres veem entrando; abraçam primeiro os maridos, os irmãos, e depois escutam enleiadas.*

1.º PASTOR

Um dia, na frescura d'uma manhã macia, o lago de Tiberiade resplandeceu diante de nós, transparente, coberto de silencio, mais azul que o ceu, todo orlado de prados floridos, de densos vergeis, de rochas de porphiro, sob o vôo das rôlas. A um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca d'uma ponta de relva, assombrada de aloendros, perguntámos pelo Rabbi de Nazareth. Escutou-nos sorrindo e disse: «O Rabbi de Nazareth? Oh! desde o mez de Ijar, o Rabbi descera, com os seus discipulos para o lado para onde o Jordão leva as aguas».

1.º SERVO

E nós, correndo, seguimos pela margem do rio, até adeante do vau, onde elle se estira n'um largo remanso, e descança, e um instante dorme, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Ahi, um homem da tribu dos Essenios, todo vestido de li-

nho branco, apanhava lentamente hervas salutares, pela beira da agua, com um cordeirinho branco ao collo. Humildemente o saudámos, porque nós, senhor, amamos aquelles homens de coração tão limpo e claro e candido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E perguntámos-lhe...

OBED

E o que respondeu esse homem?

2.º SERVO

Murmurou que o Rabbi atravessara o Oasis de Engadi e depois se adiantara para alem...

OBED

Mas onde, «alem»?

1.º PASTOR

Essa mesma pergunta fizemos, e o bom do Essenio, movendo um ramo de flôres roxas que colhera, mostrou as terras d'Alem-Jordão, a planicie de Moab.

OBED

E deixastes-vos ficar?

3.º SERVO

Não, Senhor. Vadeámos o rio, e debalde procurámos Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até ás fragas onde se ergue a cidadella sinistra de Makaur...

1.º PASTOR

No poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egypto, myrrha, especiarias, e balsamos de Gilead. Os cameleiros, tirando a agua com os baldes de coiro, contaram-nos que em Gádara, pela lua nova, um Rabbi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancára sete demonios do peito d'uma tecedeira, e que á sua voz, um homem degolado pelo salteador Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto.

OBED

Tão perto estavam, e porque não continuaram?

4.º SERVO

Continuámos, sim, e, esperançados, subimos logo açodadamente pelo caminho dos Peregrinos até Gádara, cidade d'altas torres, e ainda mais longe até ás nascentes do Amalha.

OBED

E o Rabbi?

1.º PASTOR

Jesus, n'essa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no lago, n'um batel de pesca, e á vela vogara para Magdala.

AS MULHERES

Umas para as outras batendo as mãos

E' o Messias, é o Messias. Temos o Messias na terra.

OBED

Calae-vos! Deixae-me ouvir. Dizei, dizei.

1.º PASTOR

Descorçoados, de novo passámos o Jordão na ponte das filhas de Jacob. Um dia, já com as sandalias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judéa Romana, cruzámos um phariseu sombrio, que recolhia a Ephraim, montado na sua mula. Com devota reverencia detivémos o homem da Lei. Encontrára elle por acaso esse Propheta novo de Galiléa que, como um Deus passeiando na terra, semeava milagres?

OBED

E o homem da Lei?

1.º PASTOR

Escureceu de repente, com a sua face adunca enrugada, e a sua colera tombou sobre nós como um tambor orgulhoso: Oh! escravos pagãos! Oh! blasphemos! onde ouvistes que existissem prophetas ou milagres fóra de Jerusalem? Só Jehovah tem força no seu templo. De Galiléa surdem os nescios e os impostores. *As mulheres protestam n'um longo murmurio.*

OBED

Calae-vos!

1.º PASTOR

E como recuassemos ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados, apedrejou-nos uivando: « Racca! Racca! » e todos os anathemas rituaes.

3.º SERVO

Descorçoados e não convencidos, que os milagres não tem conta, voltámos.

1.º PASTOR

Mas o povo, com grande fé, apezar da maldi-

ção dos homens da Lei, vae repetindo por toda a parte os seus sermões e as suas parabolas, espalhando assim a sua doutrina.

OBED

E não trazeis o feiticeiro e os meus gados morreram e as minhas vinhas seccam e as minhas tulhas esvasiam-se! E esses sermões?... E essas parabolas?...

1.º PASTOR

Teem conforto para todo o soffrimento humano; ficam-nos na memoria, gravadas no coração.

OBED

O quê? Lembraes-vos d'alguma?

2.º PASTOR

Escutae, senhor, e não vos irriteis; escutae a parabola que tantas vezes ouvimos, cahindo como um orvalho benefico, por sobre os campos ressequidos:

« Homens, não cuideis só da vinha e do celleiro:
Cuidae da salvação, cuidae da alma, primeiro!

Vosso maior empenho é ter gado e ter pão:
Pois fôra bem melhor, loucos, ter coração!

Tendes pomar viçoso e de fructos coberto,
Mas vossa alma é mais triste e nua que um deserto!

Que importa que o trigal prospere e a vinha augmente,
Se em vós nada floriu, alem da má semente!

Vêde as aves do ceu tão felizes, tão bellas...
Foi Deus que semeou e lavrou para ellas!

Não têm lagar nem vinha, ou seara opulenta...
Foi Deus que lhes deu vida e é Deus quem lh'a sustenta!

Em vez de, como vós, ceifar, encelleirar,
Vão á busca de Deus, voando, pelo ar...

E emquanto vós cuidaes da ceifa e da vindima,
Seu vôo, sem cessar, de Deus as approxima!

Oh! gente louca e vã, que um medo vão consome:
Só vos assusta o frio e vos inquieta a fome!

Ter que vestir na arca e crias na manada
É ter tudo, dizeis; e eu digo: é não ter nada!

O que fiaes na roca e no tear teceis
Não encobre de Deus os males que fazeis!

Não ha seda que esconda ou véu que dê abrigo
Aos que a mão do Senhor marcou para o castigo!

Oh! gente louca e vã, vêde os lyrios do val
Vestidos de brancura e graça matinal...

Salomão não trajou velludos nem setins
Como os vêdes trajar ás rosas nos jardins...

Que roca lh'os fiou, que tear lh'os teceu?
Fiou-lh'os o Senhor, teceram-se no Ceu!

Imitae, gente vã, teimosos peccadores,
O descuido da ave e o descuido das flores...

Sabe Deus, mais que vós, o que vos é preciso:
Não penseis em viver — pensae no Paraiso!»

OBED

Palavras d'um louco! Palavras d'um louco!

1.º PASTOR

D'um louco, dizeis, e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detraz das serras, cresce

consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus de Galilêa. *Obed cae succumbido com a cabeça entre as mãos.*

OS PASTORES E AS MULHERES

Assim é, assim é!

FIM DO 3.º QUADRO

3.° ACTO

4.° QUADRO

A scena representa a esplanada d'um forte dominando o valle de Cesareia á beira mar. Ao fundo, rente ás ameias, um legionario passeia fazendo guarda. Um largo velario abriga um banco.

SCENA 1.ª

Publio e um camarada da campanha de Tiberio

CAMARADA

Comtigo andei, Publio, comtigo fiz a campanha de Tiberio contra os Parthas; mas vê que differença entre nós. Eu abandonado, pobre, vivo só da recordação do meu passado feliz. Não tenho soldados. Não commando ninguem.

PUBLIO

Com tristeza

Sim, é certo. Eu commando este forte que domina o valle da Cesarêa, até á cidade e ao mar. Possuo minas na Attica. Sou rico!

CAMARADA

E como se tal te não bastasse, gozas, como favor supremo dos Deuses, a amisade de Flacco, Legado Imperial da Syria.

PUBLIO

É verdade. Mas tudo isso trocaria pela doce paz da tua pobreza. Minha filha, a minha filha unica, por mim mais amada que vida ou bens, definha com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber dos Esculapios e Magicos que mandei consultar a Sidon e a Tyro! Branca e triste como a lua n'um cemiterio, sem um queixume, sorrindo-me pallidamente, definha. Passa horas e horas ali sentada sob aquelle velario, alongando saudosamente os negros olhos tristes, pelo azul do mar de Tyro, por onde navegou de Italia, n'uma galera enfestada.

CAMARADA

Exageras, Publio, exageras. Desfallecimentos que seguem os primeiros rebates da puberdade. Tudo isso passará.

PUBLIO

Assim fôra; mas um coração de Pae, mesmo sanguinario como o meu, não se engana, e eu vejo que cada dia mais definha e desfallece.

CAMARADA

A mocidade é uma grande força, vence doenças que se nos afiguram mortaes.

PUBLIO

A sua mocidade é tecida de tristezas. Olha, ás vezes, o legionario da guarda, quando ella ali repousa e uma grande aguia vôa d'aza serena no ceo rutilante, aponta vagarosamente ao alto a flecha e varando-a, a minha querida filha segue um momento a ave, torneando, até bater morta sobre as rochas. Depois, mais triste, com um suspiro, e mais pallida, recomeça a olhar para o mar.

CAMARADA

Como quem adivinha um fim proximo?

PUBLIO

Sim. Parecendo mesmo a propria imagem da morte. Outras vezes canta, mas a sua voz é debil como um fio e a sua canção sempre triste como gemidos doloridos.

SCENA 2.ª

Os mesmos e um servo

SERVO

Mercadores vindos de Chorazim pedem, Senhor, para vos mostrar tapetes, sedas, linhos e perfumes.

PUBLIO

Acompanha-os até aqui. *O servo sae.* Talvez tragam alguns tecidos que a minha filha apeteça.

CAMARADA

Vês tu. Se não fôras rico, como poderias procurar enchel-a de mimos, adivinhar-lhe os mais pequenos desejos?

PUBLIO

Tudo isso são miserias. O que se compra

com dinheiro de nada vale. Saude, muita saude. Vida, muita vida é o que desejaria dar-lhe. E essa sinto, vejo, que a cada momento lhe foge!

CAMARADA

Mal fica a um velho guerreiro tanto desanimo.

PUBLIO

Ao amigo descubro o coração. A fortaleza d'animo, a rijeza dos musculos guardo-as para defrontar inimigos. Olha, quem sabe até se este é o castigo de todas as crueldades que tenho commettido.

CAMARADA

Mas quem me falla assim? Que linguagem é essa? Não és o mesmo que sempre conheci. Deixa ás mulheres o serem supersticiosas. Soldados não commettem crimes. Combatem. Só vencem ou morrem. Se vencem tudo lhes é perdoado. Se morrem... mais lhes pesa á sua memoria o esquecimento dos homens que as atrocidades commettidas!

SCENA 3.ª

Os mesmos e os mercadores que depois de saudarem começam a desatar os fardos

1.º MERCADOR

Trazemos sedas que nenhumas outras egualam

2.º MERCADOR

Linhos mais brancos que as brancas mêdas de sal.

3.º MERCADOR

Aromas que ainda não incensaram altares.

1.º MERCADOR

Tapetes de lã, macios como os ninhos das aves e de cores mais bellas que os dourados poentes da Syria.

2.º MERCADOR

Destapando uma caçoleta

E mel tão doce, como as doces palavras de Jesus.

PUBLIO

Jesus? Quem é Jesus?

1.º MERCADOR

Um Rabbi admiravel, tão potente sobre os Espiritos, que sara os males tenebrosos da alma, que resuscita os mortos, sara todas as chagas do corpo e por toda a parte deixa um sulco luminoso nos corações!

PUBLIO

Mas onde está, onde pára esse Rabbi admiravel?

2.º MERCADOR

Percorre a Galileia levando atraz de si multidões fanatisadas que lhe entoam hymnos de louvor.

CAMARADA

Assim ouvi, Publio, e não tem conta os seus milagres; dizem-n'o o filho do homem que Daniel entrevia na sua Visão.

PUBLIO

Para o camarada

Assim ouviste e nada me dizias. Cura os males da alma e sara as chagas dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! *Para os mercadores.* Contae, contae das suas virtudes.

3.º MERCADOR

Quereis que contemos as areias do mar? De longe vimos e por toda a parte a fama de Jesus, curador de languidos males, crescia em torno a nós, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hermon e atravez dos hortos reanima e levanta as assucenas pendidas.

PUBLIO

Para o seu camarada

É esse Rabbi, é esse Rabbi que curará a minha filha.

1.º MERCADOR

Reparae no listrado d'esta seda.

2.º MERCADOR

No tecido d'este tapete.

3.º MERCADOR

Não vos tentam os perfumes?

2.º MERCADOR

Ha muito tempo que não trazemos nada tão rico.

1.º MERCADOR

E nada caro.

3.º MERCADOR

Tudo podereis obter por insignificante preço. Aproveitae, Senhor, tão excellente occasião.

1.º MERCADOR

Não vos arrependereis. Tarde encontrareis melhores fazendas.

PUBLIO

Para os mercadores

Tudo compro, ficarei com tudo que trazeis. *Para o camarada.* Abençoada hora em que aqui chegaram! *Para o servo.* Ide dizer que chamem a minha filha e que venha ver tudo quanto lhe dou. *Toma o camarada e desviando-se dos mercadores.* Destacarei tres decurias de soldados para que procurem o Rabbi por toda a Galileia e por todas as cidades da Decapola até á costa e até Ascalon. Uma vez aqui, mostrar-lhe-hei todos os meus thesouros, captival-o-hei com o fulgor da minha riqueza, do meu grande poder, e enchel-o-hei de dinheiro se porventura conseguir curar a minha filha.

CAMARADA

Fosse eu mais novo e não me pezassem os annos ainda mais que as minhas campanhas, que seria eu quem guiaria as tres decurias.

PUBLIO

Grande é o teu coração.

CAMARADA

E havia de trazel-o, esse Rabbi famoso.

1.º MERCADOR

Para os dois outros

Parece-me que essas peças ficam melhor aqui.

2.º MERCADOR

Pode ser: e os perfumes?

3.º MERCADOR

Aqui, ao lado.

SCENA 4.ª

Entra a filha seguida e precedida de servos, escravos e escravas

PUBLIO

Filha da minha alma!

FILHA

Amparada a duas escravas

Meu Pae!

PUBLIO

Apontando-lhe o camarada

È um velho amigo, um antigo companheiro de teu pae. Fez commigo todas as campanhas.

CAMARADA

Assim é... e que tempo estivemos sem voltar a ver-nos! Embranqueceram-se os cabellos. Ainda não ereis nascida quando nos separamos. Até então tinhamos vivido sempre junctos. Espalhamos muito sangue, batemo-nos muitas vezes lado a lado, pisamos juntos muitos cadaveres.

FILHA

Horrorosa a guerra, os mortos, os feridos!

PUBLIO

Tudo isso vae longe, passou.

CAMARADA

Muito longe. Tendes razão. Agora não se pensa senão em viver. O amor de vosso Pae offerta-vos todas estas riquezas. Vede que bellas são.

FILHA

Desviando o olhar para a vastidão do mar

Sim, são bellas. Tão bellas que ferem com as suas côres.

PUBLIO

Toma-a dos braços dos servos e senta-a sob o velario

Não te fatigues. Senta-te. Tragam-lhe tudo para aqui. Quero que vejas bem tudo quanto te dou. *Depois de a fitar com ternura, sae.*

SCENA 5.ª

CAMARADA

Não me julgueis sanguinario. Apenas soldado como o vosso Pae.

FILHA

Sim, bem sei. Mas estremeço só de ouvir fallar em sangue, em guerras.

CAMARADA

Tomando os tapetes

Tendes razão. Que este tapete amacie já o doce poisar de vossos pés.

FILHA

Obrigada.

1.º MERCADOR

Quereis um perfume mais suave que o incenso e a myrrha?

2.º MERCADOR

Um linho mais branco que as brancas pennas das brancas cegonhas?

3.º MERCADOR

Sedas mais leves que as brisas do mar?

1.º MERCADOR

Mel mais doce...

FILHA

Tudo quero; mas levae tudo. *Aponta para fóra.* Deixae-me ver o mar, tão claro, tão limpido, tão sereno, tão calmo. *Para os escravos que lhe fazem como um fundo.* Deixae-me tambem.

CAMARADA

Para os mercadares

Enfardem, levem tudo. *Os mercadores enfardam á pressa, ajudados pelos escravos e servos que vão sahindo.* Tambem vos deixo. O mar assim, doce e brando, deve acalmar todas as maguas; mas attendei na experiencia d'um ve-

lho. Ouvi o seu conselho. Nunca vos deixeis vencer pela desesperança. A tristeza gera a doença. É forçoso, primeiro, libertar a alma de todas as apprehensões e amarguras. Uma vez a alma liberta, a saude renasce no corpo. Attendei ao que vos digo, que a vossa mocidade tem direito a todas as alegrias.

FILHA

Obrigada. Vejo que sois bom. Mas o meu mal é pesado e despedaça-me o corpo tanto como me escurece a alma.

CAMARADA

As primaveras tecem-se para que o verão lhes succeda. Não penseis nos poentes tristes, pensae nas alegres alvoradas. Deixae que os invernos pendam para o chão, levantae vós a cabeça para os astros. *Do fundo, depois de a ter fitado um instante.* Os soldados não chegarão a tempo. E' uma luz que se extingue!...

SCENA 5.ª

Filha e uma das escravas voltando submissa

FILHA

Tambem vos mandei embora.

ESCRAVA

Perdão, Senhora, mas receio, tenho medo que este ar tão vivo vos faça mal, depois de uma noite tão mal passada, sempre gemendo e tossindo.

FILHA

Ao contrario, socega, vae fazer-me muito bem. É ainda a brisa do mar que me dá vida. D'este mar por onde vi partir o meu amado e que me manda ainda, na côr das suas aguas, a luz do seu olhar; nas brisas perfumadas, os suspiros do seu peito enamorado.

ESCRAVA

Sempre a pensar no vosso amado!... Tudo, tudo daria, a minha vida — que mais não tenho e nem essa me pertence! — para que de todo a vossa alma se desanuviasse, para que o vigor, a força e a saude vos tornassem ainda mais bella se possivel fosse. Mas..., attendei Senhora, vosso Pae não ficará contente ao vêr que nenhum caso fizestes de tantos presentes que com tanto carinho vos offertou.

FILHA

Como alheiada

Meu Pae...

ESCRAVA

Sim. Grande será a sua ira, e sabeis bem quanto todos soffremos com os seus arrebatamentos. Mais lagrimas que os nossos olhos, sempre mal enxutos, terão de chorar. Mais dores que vós tereis de soffrer. Vós que tanto padeceis com a sua colera.

FILHA

Calla-te, calla-te, que as tuas palavras retalham-me ainda mais o pobre coração dilacerado. Eu saberei acalmal-o. Nem sequer reparará que mandei tudo isso embora d'aqui.

ESCRAVA

Como vos enganaes! Illudis-vos, Senhora, não ha movimento vosso que vosso Pae não espie, pensamento que vos não adivinhe.

FILHA

Não exageres. Dir-lhe-hei que desejei vêr tudo mais apropositadamente nos meus aposentos; que vou já escolher de todas as suas dadivas aquellas com que me enfeitarei com maior prazer; que vou perfumar o meu corpo com esses perfumes novos e adornar-me com joias, dadivas suas tambem, que ainda até hoje não sahiram dos seus escri-

nios; estender todos esses macios tapetes por sobre os frios marmores de meu quarto, e ao vêr a minha fingida alegria acreditará em tudo que lhe disser, até ficará contente. Socega, e deixa-me tu tambem, fiel escrava, fiel amiga, deixa-me vêr o mar, tão claro, tão limpido, tão sereno, tão calmo... *Implorando.* Deixa-me.

ESCRAVA

Obedeço-vos, Senhora. *Sae.*

SCENA 6.ª

FILHA

Depois d'uma pausa principia a recitar. Antes de findar entra o Pae seguido do Camarada; não dá por elles

Dão-me perfumes, dão-me riqueza,
Por quantos outros appetecida!
Mas ai de mim! não me dão belleza,
Não me dão vida...

Sou nova e rica, bonita era...
Mas já não sou:
A formosura foi primavera
Que, de fugida, por mim passou!

Visto de galas, como Rainha,
Sedas e oiros meu pae me deu...
Mas não ha pobre mais pobresinha
Do que sou eu!

Meus olhos negros, onde a alegria
Fez tantas almas penar de amores,
A febre os queima, de noite e dia,
Os faz maiores...

As pedrarias cobrem meu peito,
Por fóra o enchem de brilho e graça,
Por dentro, a tosse m'o tem desfeito,
M'o despedaça!

Tão nova e rica, que bom seria
Viver, amar...
Mas ai! espera-me a campa fria,
Já por mim chama, nem quer esp'rar!

Meu lindo noivo, por quem suspiro,
Que longe andaes!
Oh ondas verdes do mar de Tyro,
Vós ides vêl-o e eu nunca mais!

Vêl-o um instante, menos que fosse...
Sentir-lhe o olhar,
Como o de outr'ora, macio e doce,
Cheio de pena, no meu poisar!

Talvez seus olhos, se se encontrassem
Com os meus olhos ainda uma vez,
Talvez curassem, resuscitassem...
Talvez, talvez!

Talvez seus labios, dos meus ao pé,
O mal sorvessem, que me devora...
Talvez... decerto... sim, tenho fé,
Sim, creio agora!

Mas ai de mim! que está tão distante,
Não torno a vêl-o...
Já sinto a Morte, meu novo amante,
De beijos frios, de olhar de gelo!

Adeus pr'a sempre, meu noivo lindo!
Levae-lhe vós,
Aguias felizes, que ides fugindo,
O ultimo echo da minha voz!

PUBLIO

Adeantando-se

Cantavas, filha?

FILHA

Sim, Pae; mas uma canção alegre.

SCENA 7.ª

As tres decurias entram pela esquerda e desfilam, atravessando a scena e saindo pela direita

FILHA

Onde vão os teus soldados? Partem. Levam os escudos enfiados em saccos de lona e nos elmos ramos d'oliveira. Partem, não é verdade?

PUBLIO

Sim.

FILHA

Anciosa

Para onde? Para a guerra?

PUBLIO

Não. Em busca do bem.

FIM DO 4.º QUADRO

4.° ACTO

5.° QUADRO

A scena representa um valle; ao F, á E, um outeiro coberto de loureiros. No cimo alveja o fino e elegante portico d'um templo. Primeiros alvores da madrugada. Os tres Decuriões conversam no 1.° plano.

1.° DECURIÃO

A nossa gente dorme. Que nos resta ainda fazer?

2.° DECURIÃO

Continuar como até agora será rematada loucura.

1.° DECURIÃO

Queres por acaso que retrocedamos? E quem aplacará a colera de Publio contra nós, que não soubemos cumprir as suas ordens?

3.º DECURIÃO

A sua ira será tremenda!

1.º DECURIÃO

Castigar-nos-ha tão cruelmente como se tivessemos desertado.

3.º DECURIÃO

O seu coração é de pedra. Só junto á filha sabe ter palavras doces: e essa quem sabe se ainda viverá quando chegarmos!

2.º DECURIÃO

Soldados romanos não se arreceiam dos seus chefes quando cumprem o seu dever. Tudo fizemos para cumprir as ordens de Publio. A culpa não é nossa se não temos encontrado esse Rabbi.

1.º DECURIÃO

Bem inuteis as correrias que temos feito.

3.º DECURIÃO

E graças devemos dar por os legionarios se não terem ainda revoltado.

2.º DECURIÃO

Temos sido uma verdadeira horda de selva-

gens. De que nos serviu termos percorrido toda essa estrada que, desde Cesarêa até ao Lago, corta toda a Tetrarchia de Herodes? De noite as nossas armas brilhavam no topo das collinas, por entre a chamma ardente dos archotes, erguidos como uma ameaça tremenda.

1.º DECURIÃO

De dia incendiavamos os casaes, rebuscavamos as espessuras dos pomares, esfuracávamos com as pontas das lanças a palha das mêdas, emquanto as mulheres, assustadas, para nos amansar, acudiam com bolos de mel, figos novos e malgas cheias de vinho, que bebiamos d'um trago, sentados á sombra dos sycomoros.

2.º DECURIÃO

Assim, corremos a Baixa Galilêa e do Rabbi só encontramos uma doce esteira luminosa!

1.º DECURIÃO

Foi então que lembrei, e ninguem me tira isto da cabeça, que os judeus sonegam o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitem do superior feitiço, e com razão derramámos com tumulto a nossa colera atravez da piedosa terra submissa.

3.º DECURIÃO

E de nada nos valeu determos á entrada das portas os peregrinos, gritando o nome do Rabbi, e rasgar os veus ás virgens.

1.º DECURIÃO

E á hora em que os cantaros se enchem nas cisternas, invadir as ruas estreitas dos burgos, penetrar nas Synagogas, e batermos feramente com os punhos das espadas nas Thebbas!

2.º DECURIÃO

Levantando os braços ao ceo

Os santos armarios de cedro, que contêm os Livros Sagrados!

3.º DECURIÃO

E arrastar, nas cercanias do Hebron, os solitarios pelas barbas, para fóra das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se occulta o Rabbi.

2.º DECURIÃO

E tudo foi inutil! E como se tudo isso não bastasse, até áquelles dous mercadores phenicios que vinham de Joppé com uma carga de malo-

brato, fizémos pagar por esse delicto cem drachmas a cada um de nós.

3.º DECURIÃO

Roubámos. E como uma horda de barbaros avançámos talando os campos, levando o susto ao centro dos burgos e para que?

1.º DECURIÃO

Para que a gente dos campos, mesmo os bravios pastores da Idumêa, que levam as rezes brancas para o templo, fugissem espavoridos para as serranias, apenas luziam n'alguma volta do caminho as armas do bando violento!

2.º DECURIÃO

E da beira dos eirados, as velhas sacudirem com lategos as pontas dos cabellos desgrenhados, atirando-nos más sortes, invocando a vingança d'Elias.

3.º DECURIÃO

E a sua maldição cahia sobre nós que aqui estamos n'este fundo valle, com os pés feridos pelos rudes trilhos, mortos de cansaço, debatendo-nos n'um grande desespero, sem mesmo saber o caminho que convem tomar, o que devemos fazer.

2.º DECURIÃO

E é talvez melhor que não tenhamos encontrado esse impostor que, todo vestido de branco, rodeado de mulheres e de creanças, arrasta atraz de si o povo, enganando-o, illudindo-o, com as suas fabulas e as suas mentiras! Quem sabe se depois de tudo que temos feito, encontrando-o, eu proprio poderia resistir ao prazer de o esganar! Então é que teria que vêr a nossa chegada ao forte e a furia de Publio Septimo quando lhe mostrassemos o cadaver do impostor!

1.º DECURIÃO

Rindo

Só essa idéa me poderia fazer rir!

3.º DECURIÃO

Passar tudo que passamos, com esses pobres soldados, e fazermos justiça por nossas mãos!

2.º DECURIÃO

Quasi que o appeteço. Apparecesse o feiticeiro, que eu, sem tempo vos dar para qualquer movimento, lançar-me-hia ao seu pescoço e estrangulava-o com a mesma furia com que a fera se atira no circo a um pobre e misero escravo.

1.º DECURIÃO

Fallaes com tal intimativa que chego a presuadir-me que estaes convencido do que dizeis.

2.º DECURIÃO

Se lhes parece que temos sido pouco ludibriados por esse histrião que a esta hora estará, descançadamente, entre sonhos, a rir-se de todos que o seguem submissos como escravos.

3.º DECURIÃO

Acalmae-vos, acalmae-vos. Entre nós, bem sei, não ha perigo que a discordia rebente. *Apontando para os soldados.* Mas fazei attenção áquelles que podem ouvir-nos, e que já nem sequer sabemos como soffreal'os.

2.º DECURIÃO

Ninguem o deseja mais do que eu. Mas o que é forçoso, é tomar uma resolução. Havemos de continuar a percorrer assim o mundo, á tôa, sem um plano, seguindo cada dia uma indicação nova?

1.º DECURIÃO

Já agora entreguemo-nos ao acaso, é sempre o melhor dos conselheiros.

2.º DECURIÃO

Se podessemos consultar alguem? Mas n'este fundo valle quem poderá acudir-nos?

1.º DECURIÃO

Se vos parece, appelae para um milagre. Não me faltava mais nada. E o melhor, já agora, é depois do milagre desertarmos e seguir o tal Nazareno!

2.º DECURIÃO

Não se falla em milagres. Esquecereis por acaso que estamos perto d'aquelle Templo e que pouco tardará que o Sacerdote appareça?

3.º DECURIÃO

Fallaes acertadamente, depositamos o nosso destino nas mãos d'esse Sacerdote. Mas havemos de lhe fallar como soldados. *Os soldados espreguiçam-se, acordam, vão-se levantando.*

2.º DECURIÃO

Para os dois

Seguramente. *Apontando para os soldados.* Não os irritemos, não lhes augmentemos o desespero. *Para os soldados.* As nossas correrias estão prestes a findar. Pouco tardará, mal o sol desponte, que no fino portico d'aquelle templo que no cimo alveja

appareça o Sacerdote a saudar o sol. Homem lido, elle nos instruirá sobre o Rabbi.

1.º DECURIÃO

E, seguindo as suas palavras, breve terminarão os nossos rudes trabalhos.

1.º SOLDADO

Já não é sem tempo.

2.º SOLDADO

Mais nos valeria combater um forte inimigo.

3.º SOLDADO

Mesmo que nos derrotasse.

4.º SOLDADO

Ao menos teriamos o prazer d'um combate.

1.º SOLDADO

E as nossas armas encontrariam armas com que se defrontar.

3.º SOLDADO

Assim os escudos nem uma só vez sahiram dos saccos de lona.

2.º SOLDADO

E os ramos d'oliveira seccam nos elmos sem o ardor d'um recontro.

4.º SOLDADO

Soldados romanos, armados até aos dentes, para buscar um adivinho!

1.º SOLDADO

E um adivinho que faz o encanto das mulheres e das creanças, que está em toda a parte mas se não encontra, e foge sempre como uma sombra!

3.º SOLDADO

O povo ha de revoltar-se contra esses que seguem o Rabbi, e então será o momento de intervirem soldados.

2.º SOLDADO

Que ao menos sejamos chamados e teremos occasião de nos servir das nossas armas, de nos vingar de todos os inuteis trabalhos que temos tido.

VOZES DOS SOLDADOS

Quem dera, quem dera!

4.º SOLDADO

E esse Sacerdote quando apparece? O sol não deve andar já por muito longe.

1.º SOLDADO

Doira o cerro d'alem, o ultimo. Não veem?

2.º DECURIÃO

Calae-vos. Que o Sacerdote nos veja como soldados romanos. *Abre-se a porta do Templo e o Sacerdote apparece* Eil-o que surge com a lyra na mão esperando a apparição do sol. Agitem os ramos d'oliveira. *Todos agitam os ramos; dirigindo-se ao Sacerdote.* Conheceis por acaso um novo Propheta que surgiu na Galiléa e tão destro é em milagres que resuscita os mortos e muda a agua em vinho?

3.º DECURIÃO

E perdôa á mulher adultera, e tem bençãos para todo o arrependimento?

1.º DECURIÃO

E dá vista aos cegos e cura todos os leprosos?

SACERDOTE

Serenamente, alongando os braços

Oh romanos! Pois acreditaes que em Galiléa ou Judêa appareçam prophetas consumando milagres? Como póde um barbaro alterar a ordem instituida por Deus?... Magicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras oucas, para arrebatar a esportula dos simples... Sem a permissão dos Immortaes nem um galho secco póde tombar da arvore, nem secca folha pode ser saccudida na arvore. Não ha prophetas, não ha milagres... Só Apollo Delphico conhece o segredo das cousas!

SOLDADOS

Essa é a verdade! Essa é a verdade!

1.º DECURIÃO

Para os soldados

Silencio. O Sacerdote diz a verdade. Só Apollo Delphico conhece o segredo das cousas. Partamos. Recolhamos á fortaleza de Cesarêa e a Publio Septimo digamos que Jesus só existe pela sua fama!

A' medida que se vão preparando para partir o sol desponta no horisonte, ouvem-se os primeiros accordes da lyra e logo o Sacerdote entoa o hymno que os soldados ouvem reverentes:

SACERDOTE

Musica

Oh poderòso Deus! Já sôa a hora...
Abre as portas do ceu a rosea aurora,
Com suas mãos discretas e suaves...
Tua chegada, Apollo, se annuncia
Na cor do ceu, na voz da cotovia,
No lêdo despertar das outras aves!

Antes que claro e nitido despontes
Nas cumiadas dos nevados montes,
Mais visinhos que nós do teu fulgor,
Deixa, Apollo immortal, Phebo divino,
Que meus labios entoem o teu hymno,
Que sôe a minha lyra em teu louvor!

Ao fulgurar da tua luz bemdita,
O mundo inteiro acorda e resuscita,
O curvo ceu resplende de mil cores...
Para colher a benção da tua mão,
Ergue-se para ti meu coração,
Voltam-se para ti todas as flores!

Entre os Deuses do Olympo omnipotente,
Nenhum mais do que tu está presente
A' nossa vista misera e mesquinha;
Quem te pode esquecer ou ignorar,
Se até o cego, que não pode olhar,
Por teu ardor e brilho te adivinha!

Não! Não ha quem te ignore ou quem te esqueça!
A vida em ti acaba e em ti começa,
Nossa luz de ti vem, para ti vae...
E a cantar e a adorar o teu fulgor,
O homem, a ave, a rocha, a estrella, a flor,
Todos te chamam Deus! todos, seu Pae...

E's o Deus da abundancia e da colheita,
Teu abraço fecundo a terra estreita,
Teu bafo carinhoso tudo cria...
Chama-se noite escura a tua ausencia,
E ai de nós, d'esta misera existencia,
Se de ti não nascesse a luz do dia!

Já vem teu carro de oiro pelo espaço
Cobrir de luz o mar nocturno e baço,
Expulsar toda a sombra e todo o mal...
Salvé! pupilla de oiro sempre aberta
Sobre a terra sem ti nua e deserta,
Sobre pobres e ricos por egual!

. . . . . .

Ide, Romanos! Que o sol vos guie e vos perdoe!

A um gesto do Sacerdote os soldados partem.

FIM DO 5.º QUADRO

6.° QUADRO

A scena representa o interior d'um casebre pobre e humilde. Deitada sobre uma enxerga no chão, coberta por miseros farrapos, uma creança. Uma lampada de barro vermelho dependurada na parede sobre a lareira apagada. Ao lado uma velha arca pintada, aberta e vasia. Pela porta do F, quando aberta, descobre-se muito ao longe a cidade de Enganim.

SCENA 1.ª

Mãe e filho

FILHO

Tenho fome, minha mãe.

MÃE

De joelhos ao lado da enxerga

Desgraçada de mim, que nada tenho para te dar! Não tens socegado, e eu não pude sahir para

apanhar as hervas das fendas das rochas, que cosidas sem sal, são todo o nosso sustento.

FILHO

Mãe, tenho dores!

MÃE

Senta-se e aconchegando-o para o seu regaço

Aconchega-te ao meu peito, vê se dormes, filho.

FILHO

Se dormir, dar-me-has de comer?

MÃE

Sim, meu filho. *Acalenta-o um instante.* Emquanto vivo o Pae, ambos nós podiamos bem com a nossa pobreza. Morreu e ficou-me este filho! *Pausa.* Do magro peito a que te creaste, passaste para os farrapos da enxerga apodrecida, onde ha sete annos jazes, mirrado e gemendo. *Olha em volta.* Na lampada de barro ha que tempo já seccou o azeite! Dentro da arca não resta grão ou côdea. A morte desce lentamente sobre nós. N'um estio, já longe, sem pasto, morreu a cabrinha que o Pae nos deixára. Depois, no quinteiro seccou a figueira. Deus meu! que miseria n'esta Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobra o sustento! *Deixa pender a cabeça.*

FILHO

Mãe, tenho dores!

MÃE

Dorme, meu filho, socega, que o somno apaga as dores!

Musica em surdina

Dorme, meu filho! dorme um bocadinho!
Socega, entrevadinho,
Emquanto a noite passa...
Deus de ninguem se esquece, a todos guia...
A uns para a alegria,
A nós para a desgraça!

E' sina, filho meu! sorte dos tristes...
Soffres desde que existes,
Não tem fim teu gemido...
Mas não mata a miseria mais atroz:
Ai se matasse, quantas vezes nós
Teriamos morrido!

Dei-te á luz, a que luz! mais negra e fria
Do que negra enxovia,
Do que cova sem ar...
A este mundo de penas atirei-te,
Mas os meus peitos nem tiveram leite,
Filho, p'ra te crear!

Quiz dar-te vida, que loucura a minha!
Quiz dar-te o que não tinha,
E não pensei, oh dor!
Que de tanta desgraça e tal soffrer
Só podia nascer
Desgraça ainda maior!

A fome e sêde que só eu soffria,
Soffro-as agora em tua companhia,
Reparti-as comtigo...
Ai, não podias, Deus! ter encontrado
Para maior peccado
Nenhum maior castigo!

Reparando no filho adormecido. O cantar ainda é uma grande esmola para os pobres... Adormeceu! Que bom, se o acordar não fosse ainda mais triste! Dormindo não se soffre. Apagam-se as dores, apaga-se quasi a vida! Mas o acordar sem a sombra d'uma esperança, é ainda noite mais escura... E velar, nada ha mais triste, para a pobreza. E' então que mais se accendem todas as desgraças. E soffre-se tanto... E quando se imagina que não ha mais forças, ainda as dores tem força para supportar mais dores... Se se dormisse sempre, se não houvesse sonhos, se se não acordasse!...

Musica em surdina

O somno é o que nos resta,
Na miseria em que penamos:
Mas nem o somno nos presta,
Se até a dormir, choramos!

Ai que bom que deve ser
(Então findarão meus ais)
Fechar os olhos, morrer,
E não soffrer nunca mais!

Senhor! ouve a minha prece,
Faze ao meu filho esta graça,
Que ao menos quando adormece,
Não sinta a sua desgraça!

Batem á porta.

SCENA 2.ª

Os mesmos e um mendigo

MÃE

Abrindo a porta e apontando para dentro

A má porta vens bater. Aqui não ha senão fome e miseria.

MENDIGO

Olhando em redor

Na minha sacola ainda ha um bocado de pão. Deixae-me descançar das minhas feridas. *Apalpando a pedra da lareira apagada.* Aqui mesmo. *Senta-se e coça os farrapos que lhe atam as pernas sobre os artelhos.* Oh! se não fossem estas feridas, que longas caminhadas faria! *Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe.*

MÃE

Bemdito sejas tu, meu irmão. *Vae á enxerga e levanta a cabecinha do filho.* Aqui tens, meu filho, come, que logo te darei uma pouca d'agua fresca que te vae fazer muito bem.

MENDIGO

Soffre muito o teu filho?

MÃE

A meia voz e procurando esconder o filho com o corpo

Muito.

MENDIGO

E no entanto ha uma esperança para os tristes. Na Galilêa appareceu um Rabbi que d'um pão no mesmo cesto faz sete. Ama todas as creancinhas e enxuga todos os prantos. Aos pobres promette um grande e luminoso Reino, de abundancia maior que a côrte de Salomão.

MÃE

E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontra?

MENDIGO

Ah! esse doce Rabbi! Quantos o desejam que ficam sem esperança! A sua fama anda por sobre toda a Judêa, como o sol que até por qualquer muro se estende e se gosa. Mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhe.

MÃE

Venturosos esses!

MENDIGO

Obed, tão rico, mandou os seus servos por toda a Galilêa para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim para lhe sustar a mortandade dos seus rebanhos, para lhe fazer reverdecer as suas vinhas. Publio, tão soberano, destacou os seus soldados, até á costa do mar, para que buscassem Jesus e o conduzissem por seu mando a Cesarêa, para lhe curar a filha unica, que lentamente morria.

MÃE

E então?

MENDIGO

Errando, esmolando por tantas estradas, topei primeiro os servos d'Obed, depois os legionarios de Publio.—E todos voltavam como derrotados, descalços, sem ter descoberto em que matta ou cidade, em que toca ou palacio se escondia Jesus.

MÃE

Ninguem o sabe?

MENDIGO

Sim, os que estão na sua divina graça. Se o encontrasse um dia, como os meus males tambem acabariam! Assim arrasto por toda a parte a minha miseria. E' longe d'aqui a Engadi?

MÃE

Tres horas bem andadas.

MENDIGO

Tres horas! Estas minhas pernas, estas minhas pernas! E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite; e

pelo caminho procurarei encher a minha sacola vasia.

MÃE

Até perto da cidade, difficil vos será encontrar alguem.

MENDIGO

Veremos, veremos. E' bom nunca desesperar.

Toma o bordão, sae.

SCENA 3.ª

Mãe e filho

MÃE

Vae até á porta; depois d'uma pausa

Lá vae, coitado, tão tropego, tão velho, apegado ao seu bordão, descendo pelo rude trilho entre a urze e a rocha. *Fecha a porta, olha para o filho e vae sentar-se ao seu lado.* Dorme. Ainda bem.

FILHO

N'um murmurio muito leve

Mãe, mãe, trazei-me esse Rabbi, que ama as creancinhas ainda as mais pobres, e sára os males ainda os mais antigos.

MÃE

N'uma ancia de dôr apertando a cabeça esguedelhada

Oh filho! E como queres que te deixe e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi da Galilêa? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areaes e collinas, desde Chorazim até ao paiz de Moab. Publio é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor móra comnosco, dentro d'estas paredes, e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre sobre enxerga tão rota?

FILHO

Lacrimosamente

Oh! mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

MÃE

Soluçando

Oh! meu filho! Como te posso deixar? Longas

são as estradas da Galilêa, curta é a piedade dos homens! Tão rota, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguem attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! Talvez Jesus morresse. Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O ceu o trouxe, o ceu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

FILHO

Erguendo as mãosinhas trementes dentro dos trapos

Mãe, eu queria ver Jesus...

SCENA 4.ª

Os mesmos e Jesus

Abre-se a porta, devagar, e apparece Jesus aureolado, n'uma grande claridade de luz

JESUS

Sorrindo

Aqui estou.

FINIS

AGUARELLA FEITA POR SUA MAGESTADE EL-REI D. CARLOS E OFFERECIDA AO CONDE D'ARNOSO NO DIA DA XV RECITA DO SUAVE-MILAGRE

AGUARELLA FEITA POR
SUA MAGESTADE EL-REI
D. CARLOS E OFFERECIDA
AO CONDE D'ARNOSO NO
DIA DA XV RECITA DO
SUAVE MILAGRE.

A COMPOSIÇÃO D'ESTE LIVRO

FOI FEITA NAS OFFICINAS DA LIVRARIA FERIN

E A IMPRESSÃO

NA

IMPRENSA NACIONAL

em Março de 1902

Musica do SUAVE MILAGRE

1.º QUADRO

Scena 1.ª

CORO 1.º

(Triste na apanha da azeitona. A 4 vozes: Meio-soprano (divisi), Barytono e Baixo)

Reducção para Piano

Somos pobresinhas Só ricas de do-res, Mir-raram as vi-nhas, Mur-

p legato

charam as flores! Seccam as nascentes, Não corremos ri-os, In - ver-nos são

quentes, De ge-lo os es - ti-os... Lu-a já não brilhas Lá nos ceus distan-tes,

M.D. *M.D.*

Já não somos filhas de Deus, como d'an-tes! Por nossos pec-ca-dos Oh! Senhor bem

di-to! Somos cas-ti-ga-dos Assim esta-va escripto! Assim estava escrip-to!

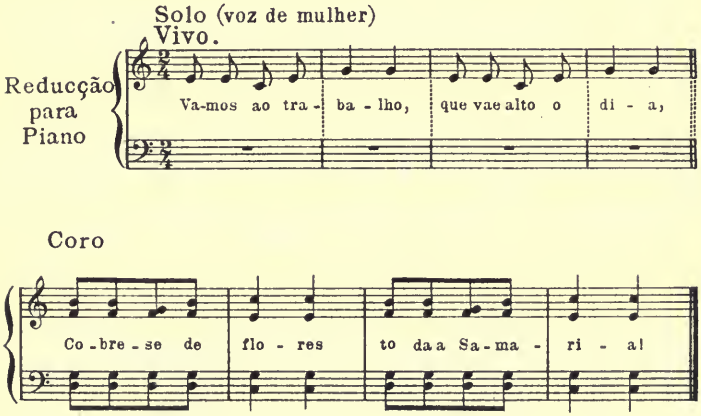
rall. *I tempo*

2.º QUADRO

Scena 1.ª

CORO 1.º

(Ranchos vão passando entoando trovas do Rabbi.)



Scena 3.ª

CORO 2.º

O mesmo da Scena 1º

Rancho que volta para a cidade.

4.º QUADRO

Scena 6.ª

(Filha de Publio. Depois d'uma pausa principia a recitar.)

MELODIA.

Andante molto tranquillo.

Violino I.

Violino II.

Viola.

Cello.

p con espress.

p

sfz

cresc.

poco accel.

con espress.

(sol)

dim. p rall. cresc. f dim. pp

dim. p rall. f dim. pp

p rall. dim. pp

p dim. pp

rall. dolcissimo

rall. p legato e tranquillo

rall. p legato e tranquillo

p rall. p molto tranquillo

lento

p rit. pp ppp

cantabile lento

dolce rit. pp ppp

lento

p dolce rit. pp ppp

lento

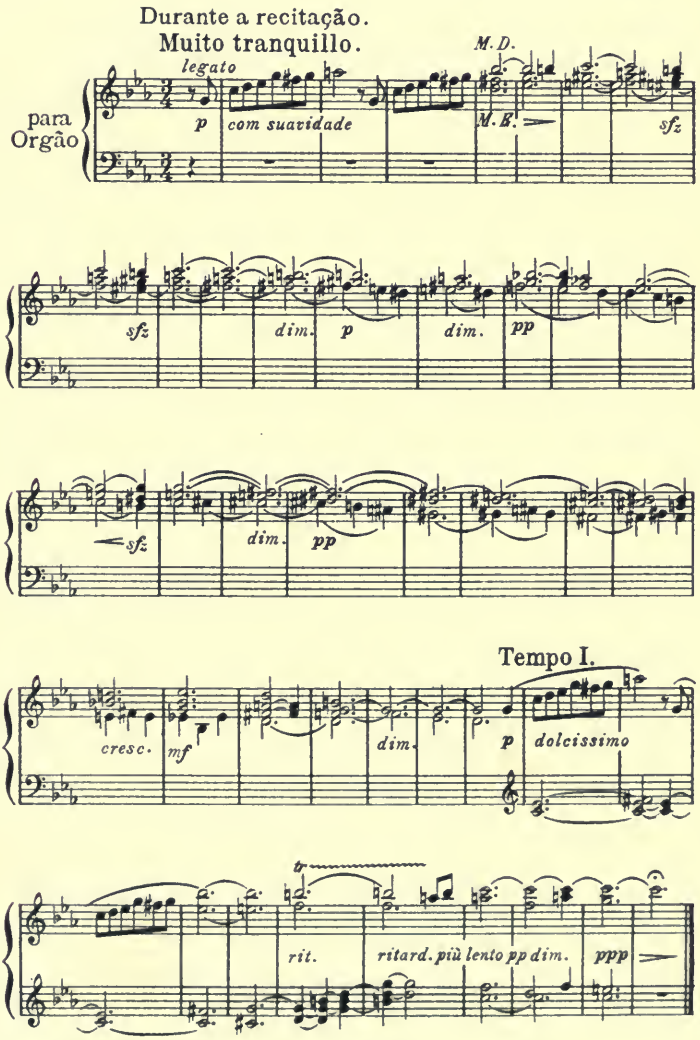
p dolce rit. pp pizz. ppp

6.º QUADRO

Scena 1.ª

Mae e filho.

Dorme, meu filho! etc.



A apresentação d'esta senha dá direito a um exemplar da musica d'este Mysterio.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY
Los Angeles
This book is DUE on the last date stamped below.

315

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY
AA 001 303 792 4

UCLA-Young Research Library
PQ9261.E17 S93
yr
L 009 490 305 1